

PERCEPÇÕES DOS DOCENTES SOBRE A VIVÊNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE NAS PRÁTICAS DOCENTES UNIVERSITÁRIAS EM PORTUGAL E NO BRASIL

TEACHERS PERCEPTIONS ABOUT INTERDISCIPLINARY UNIVERSITY TEACHING
PRACTICES IN PORTUGAL AND BRAZIL

Maria de Fátima Gomes da Silva¹
Carlinda Leite²

Resumo

O trabalho que aqui se apresenta identifica as percepções de professores universitários sobre a vivência da interdisciplinaridade nas práticas docentes deste nível de ensino e constitui um recorte de uma pesquisa de pós-doutoramento que teve como objeto teórico de estudo a interdisciplinaridade e como objeto empírico o modo como esta está presente na docência de professores dos cursos de Ciências da Educação e de Pedagogia de uma Universidade Portuguesa e de uma Universidade Brasileira. Relativamente à fundamentação teórica, o estudo parte de duas concepções de interdisciplinaridade, a saber, a concepção histórico-dialética e a concepção a-histórica. No que diz respeito às opções metodológicas, a recolha de dados foi feita através de inquéritos por questionário de resposta aberta. As respostas a estes questionários foram tratadas pela técnica de análise de conteúdo e permitiram concluir, por um lado, que os professores reconhecem a necessidade de evitar processos e práticas interdisciplinares a-históricas mas, por outro, que existem vários fatores que dificultam a vivência da interdisciplinaridade no ensino universitário que precisam de ser ultrapassadas.

Palavras-chaves: Interdisciplinaridade, docência universitária, comunicação; totalidade.

Abstract

This paper identifies the perceptions of university professors about teaching practices interdisciplinary experiences in this level of education and constitutes a clip of a postdoctoral research whose theoretical object of study was interdisciplinary. From the empirical point of view, data were collected on how interdisciplinary is present in Education Sciences and Pedagogy courses teaching at a Portuguese and a Brazilian University. Regarding the theoretical basis, the study parts from two interdisciplinary conceptions, namely the historical-dialectical conception and the a-historical conception. With regard to methodological options, data were collected

¹ Professora Adjunta da Universidade de Pernambuco – Brasil. Doutora em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCE-UP), onde realizou um pós-doutoramento.

² Professora Catedrática da Universidade do Porto, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Membro da Direção do CIIE (Centro de Investigação e Intervenção Educativas).

through open-end questionnaire surveys. The answers from these questionnaires were analysed by the content analysis technique and allowed to conclude, on the one hand, that teachers recognize the need to avoid a a-historical interdisciplinary processes and practices but, on the other hand, that there are several factors that make it difficult in university education needing to be overcome.

Keywords: Interdisciplinary, university teaching, communication; totality.

1 Introdução

O estudo que aqui se apresenta, reverberando a importância de se recorrer a práticas interdisciplinares no ensino superior, identifica percepções dos professores sobre a vivência da interdisciplinaridade nas práticas docentes universitárias e tem como *locus* duas instituições deste nível de ensino, uma de Portugal e outra do Brasil que asseguram, respectivamente, cursos de Ciências da Educação e de Pedagogia. Considera-se que o debate à volta da vivência da interdisciplinaridade nas práticas docentes universitárias poderá suscitar reflexões que contribuam para aprofundar e melhorar processos, desenvolvidos nestes cursos, para a formação de diplomados com um perfil profissional que os/as configure como Mediadores/as Sócio-Educativos/as e da Formação. Concebendo a complexidade dos factos sociais e do conhecimento, e apoiadas pelo pensamento interdisciplinar, considera-se que práticas docentes por ele orientadas contribuirão para que estudantes e professores possam ter em conta a complexidade planetária. Neste sentido, reconhece-se a necessidade que o exercício da interdisciplinaridade no ensino superior se sustente numa perspectiva de complexidade e traga ao debate a compreensão e as concepções que têm os docentes deste nível de ensino sobre os modos de vivência da interdisciplinaridade no quadro da formação vivida.

Seguindo estas ideias, reconhece-se, no entanto, que uma das questões com se defrontam os estudiosos da interdisciplinaridade é de saber como articular as várias informações (científicas e de outros campos do saber humano) em um todo consistente e coerente que permita manter uma uniformidade organizativa, sem sufocar a diversidade criativa do saber-fazer humano.

Sobre este aspecto, ressalta-se ainda que a conceptualização de interdisciplinaridade de que partimos é a que designamos de histórico-dialética e que é orientada por uma perspectiva pós-moderna de complexidade, em que se considera, também, o processo histórico-dialético e a problematização da realidade socialmente

constituída à luz de alguns aspectos do materialismo histórico, onde são colocadas em causa as condições objetivas que envolvem o processo de construção do conhecimento.

Pode dizer-se que a concepção de interdisciplinaridade que orientou o presente estudo e a relação desta com a docência universitária se orienta pela ideia de que a interdisciplinaridade constitui um conjunto de ações interligadas de carácter totalizante, isentas de qualquer visão parcelada, e que tem por objetivo a superação das fronteiras entre os diversos ramos do saber. A vivência da interdisciplinaridade na docência universitária sinaliza, pois, uma relação de reciprocidade, de mutualidade, que pressupõe uma atitude diferente a ser assumida por docentes e estudantes e que, no caso aqui em foco, configure os estudantes como Mediadores/as Sócio-Educativos/as e da Formação capazes de conceberem a complexidade dos fatos sociais e do conhecimento, apoiados pelo pensamento interdisciplinar.

Esta forma de conceber a formação dos estudantes no ensino superior pressupõe a substituição de uma concepção fragmentária de sociedade, no sentido em que a interdisciplinaridade traz, de forma transversal, a sustentabilidade da educação em seus diversos espectros, a saber: a sustentabilidade social, a sustentabilidade econômica, a sustentabilidade ecológica, a sustentabilidade geográfica e a sustentabilidade cultural para uma concepção “unitária” e complexa de educação superior. É, portanto, nesta perspectiva que, no âmbito do estudo que se apresenta, foram inquiridos professores do ensino superior em Portugal e no Brasil e nessa auscultação se procurou identificar os modos como a interdisciplinaridade tem sido vivenciada na docência universitária.

Relativamente à organização textual deste artigo, para além desta breve introdução, são tecidas algumas considerações relativas a uma possível epistemologia da interdisciplinaridade, considerando os sentidos que esta pode assumir na docência universitária. Para isso, são esboçadas algumas categorias inerentes ao pensamento interdisciplinar, e em que se procura relacioná-las com a docência universitária.

Tendo por base este enquadramento conceptual e teórico, apresenta-se uma síntese dos procedimentos seguidos no estudo e procede-se a uma análise de conteúdo dos dados recolhidos, que dão conta das percepções dos docentes sobre a vivência da interdisciplinaridade nas práticas docentes que desenvolvem nestes dois cursos universitários.

Nas conclusões, sintetizam-se reflexões sobre a mais valia que este trabalho pode suscitar para o exercício da docência universitária.

2 Para uma epistemologia da interdisciplinaridade, no âmbito da docência universitária

Como atrás referimos, tendo este trabalho como objeto teórico a interdisciplinaridade, impõe-se aqui enunciar sentidos da interdisciplinaridade na docência universitária que apoiem uma possível epistemologia. Para isso, duas categorias de âmbito teórico, inerentes ao pensamento interdisciplinar e à docência universitária, são importantes, a saber, a totalidade e a comunicação que são caracterizadas neste ponto do artigo depois de uma breve clarificação de sentidos atribuídos à interdisciplinaridade.

2.1 Sobre os sentidos da interdisciplinaridade na docência universitária

Estas reflexões sobre os sentidos da interdisciplinaridade, no âmbito das práticas docentes universitárias, estão ancoradas por uma epistemologia da interdisciplinaridade, assente na concepção histórico-dialética, a qual se impõe como uma necessidade e como problema no plano material-histórico-cultural e no plano epistemológico e exige uma deliberação coletiva de problemas públicos, bem como a emersão de memórias reprimidas e silenciadas através da análise das experiências de carácter sócio-histórico.

Na vivência da interdisciplinaridade histórico-dialética na docência universitária “[...] não se reduz o conhecimento a um denominador comum, mas, ao contrário, procura-se reforçar os princípios da criatividade e do pensamento divergente”. Ou seja, “[...] é orientada por uma perspectiva pós-moderna de complexidade, em que se considera, também, o processo histórico-dialético e a problematização da realidade socialmente constituída à luz de alguns aspectos do materialismo histórico, onde são colocadas em causa as condições objectivas que envolvem o processo de construção do conhecimento [...]” (SILVA, 2009, p. 72).

Como já indicíamos, a orientação que seguimos situa-se na concepção histórico-dialética da interdisciplinaridade, isto é, a que é orientada pela dialética materialista histórica a partir de três aspectos que a perspectivam enquanto uma postura ou opção de mundo, enquanto um método que permite apreender radicalmente a realidade social e enquanto práxis³.

Estes aspectos e/ou dimensões da dialética materialista histórica serão, por assim dizer, o fio condutor da análise aqui feita e em que se procura trazer à reflexão as possibilidades e os limites de identificar a presença e/ou ausência de práticas educativas, no âmbito da docência universitária, que apresentem *uma postura de mundo ou opção de mundo*. Neste sentido, a realização de práticas educativas de caráter interdisciplinar, na perspectiva histórico-dialética, que assumam *uma postura de mundo ou uma opção de mundo*, implicam uma compreensão dos atores do processo educativo sobre as condições reais e objetivas em que esse conhecimento é construído. É por isso que, nesta concepção, a interdisciplinaridade acontece a partir da análise minuciosa da problemática social, nomeadamente pelos professores e estudantes, pois é desta análise que, provavelmente, surgirá a necessidade de um trabalho interdisciplinar, o qual deverá ter por princípio a máxima exploração das potencialidades de cada ciência, da diversidade e da criatividade dos sujeitos sociais.

Por outro lado, esta concepção, do ponto de vista de método de análise para apreender radicalmente a realidade social, exige uma concepção de interdisciplinaridade (e de uma prática educativa) que se vincula a uma visão de mundo e de vida em seu conjunto, isto é, de uma interdisciplinaridade científica que, “tem por finalidade a produção de novos conhecimentos e a resposta às necessidades sociais, pelo estabelecimento de ligações entre as ramificações da ciência; pela hierarquização (organização das disciplinas científicas); pela estrutura epistemológica; pela compreensão de diferentes perspectivas disciplinares, restabelecendo as conexões sobre o plano comunicacional entre os discursos disciplinares” (LENOIR, 1998, p. 52).

Sobre o terceiro e último aspecto a ser demarcado, no sentido de justificar a necessidade de se desenvolverem práticas docentes universitárias à luz da concepção histórico-dialética da interdisciplinaridade e do processo histórico-dialético, ou seja, sobre a questão da dialética materialista histórica *enquanto práxis*, há que se dizer que “[...] a

³ Cf. Silva (2009, p. 74).

práxis, no que diz respeito ao movimento interdisciplinar, deve ser entendida “[...] como a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 1987, p. 38). Pode-se, entretanto, acrescentar que “[...] a *práxis* expressa, justamente, a unidade indissolúvel de duas dimensões distintas, diversas no processo de conhecimento: a teoria e a ação. A reflexão teórica sobre a realidade não é uma reflexão diletante, mas uma reflexão em função da ação de transformar” (FRIGOTTO, 1997, p. 81).

2.2 Um esboço de categorias de análise relativamente a uma possível epistemologia da interdisciplinaridade na docência universitária

Conforme foi atrás referido, as reflexões presentes neste subitem são matizadas à luz de categorias inerentes a uma possível epistemologia da interdisciplinaridade que deverão estar presentes nas práticas docentes universitárias, nomeadamente, *a totalidade e a comunicação*.

Relativamente à *totalidade*, categoria importante do pensamento interdisciplinar, ela pode ser conceptualizada como uma necessidade de explicitação de um objeto investigado em suas múltiplas determinações e mediações históricas, sem fragmentá-lo, pois,

delimitar um objeto para investigação não é fragmentá-lo, ou limitá-lo arbitrariamente. Ou seja, se o processo de conhecimento nos impõe a delimitação de determinado problema, isto não significa que tenhamos que abandonar as múltiplas determinações que o constituem. E, neste sentido, mesmo delimitado, um fato teima em não perder o tecido da totalidade de que faz parte indissociável. (JANTSCH e BIANCHETTI, 1995, p. 27).

Apreendem-se dessas ideias referidas por Jantschi e Bianchetti questões que tornam bem evidentes a importância e indissociabilidade da categoria *totalidade* relativamente à vivência da interdisciplinaridade nas práticas docentes universitárias. Com efeito, a fragmentação ou disciplinarização do conhecimento em ramos específicos constitui uma realidade e uma necessidade para o ser humano em face da realidade multifacetada com a qual os estudantes se defrontam na universidade. Entretanto, a delimitação de um objeto de estudo para investigação não deverá constituir para o investigador, ou para quem a faz, o abandono da multidimensionalidade desse objecto. É, portanto, nessa perspectiva, a de observar a multidimensionalidade dos objetos, que

entra em cena a interdisciplinaridade uma vez que é em face dessa necessidade, a de não perder de vista a totalidade do objeto delimitado para a investigação, que os sujeitos interdisciplinarmente constituídos deverão atuar a fim de que possam investigar um determinado objeto considerando as suas múltiplas dimensões.

A categoria *totalidade*, no que refere à interdisciplinaridade nas práticas docentes universitárias, implica muita atenção e cuidado com o aspecto histórico da sociedade, dentro do qual se constrói o conhecimento e as práticas pedagógicas. Essa categoria aponta para uma atitude de superação de toda e qualquer visão fragmentada e/ou dicotômica que ainda se mantém presente nas pesquisas que são realizadas no ensino superior.

No âmbito da categoria *totalidade*, a interdisciplinaridade implica encontro, troca, parceria, diálogo, mas também vivência criativa e solidão. O sujeito que procura a construção do conhecimento pelas vias da interdisciplinaridade, nessa perspectiva de *totalidade*, não abre mão do rigor, mas ousa e busca o novo através da ampliação e constante revisão de seus princípios e pressupostos. E mais, quando o sujeito compreende e assume que para trabalhar o conhecimento em sua *totalidade* vai precisar de outros conhecimentos advindos de outros sujeitos, entra num processo de flexibilização relativamente às fronteiras internas que há entre esses sujeitos e o próprio conhecimento por ele construído e, nesse momento, acontece entre os sujeitos uma consciência maior das múltiplas facetas do objeto a ser investigado que os impulsiona a interagir de maneira mais criativa e flexível.

A *comunicação*, no que diz respeito à interdisciplinaridade e à docência universitária, constitui uma das categorias mestras interdisciplinar. E, nesse sentido, é possível dizer que, no que tange à vivência da interdisciplinaridade nas práticas docentes universitárias, é importante considerar a possibilidade da introdução de *uma pedagogia da comunicação*⁴.

A propósito da introdução de *uma pedagogia da comunicação*, registra Fazenda (1999, p. 53) que esta poderá ser introduzida através das seguintes relações: palavra-mundo, palavra-encontro, palavra-ação e palavra-valor. Dessa forma, a categoria *comunicação* assumirá, na docência universitária, um contorno baseado nessas relações

⁴ O termo “*pedagogia da comunicação*” é utilizado por Ivani Fazenda (1999) no sentido de revelar a importância da construção da comunicação fundamentada no diálogo.

permitindo identificar de que forma *a comunicação*, no que toca à vivência da interdisciplinaridade nas práticas docentes universitárias, poderá estabelecer-se por meio dessas relações.

No que se refere à relação palavra-mundo, afirma Fazenda (1994, p. 53) que “a palavra não é possível senão pela linguagem, quer dizer, pela função que nos permite fazer corresponder os signos a nosso pensamento. Expressa-se pela língua, pois a ‘língua está para a linguagem, assim como a linguagem está para a palavra, ou seja, para a comunicação’”. Observa-se, nestas ideias referidas por Fazenda relativamente à relação palavra-mundo, pelo menos três aspectos que podem ser considerados fundamentais à comunicação do sujeito com o mundo, isto é, *a relação e/ou a comunicação do sujeito com o mundo é determinada pela linguagem; o mundo é transformado pelo sujeito através da palavra; a linguagem apresenta o sujeito ao mundo e o mundo ao sujeito*. Nesta perspectiva, a relação do sujeito com o mundo que acontece pela linguagem é de fundamental importância para o estabelecimento da comunicação e, conseqüentemente, nas relações interdisciplinares, no âmbito da docência universitária.

No que diz respeito à palavra-encontro, segundo aspecto referido por Fazenda como imprescindível à introdução a uma pedagogia da comunicação no âmbito da docência universitária, e que nestas reflexões se procura relacionar com a categoria comunicação, pode dizer-se que o essencial da relação palavra-encontro, como um importante dispositivo para o estabelecimento da comunicação nos projectos interdisciplinares nas práticas docentes universitárias, reside no fato de que nessa relação “[...] a linguagem assinala a linha de encontro entre o eu e outro, pois ao tentarmos nos explicar, ao tentarmos nos fazer entender, estamos em um tempo nos descobrindo e tentando descobrir o outro para fazê-lo nos entender” (*ibidem*, p. 55).

Na sequência destas ideias, é de referir que a palavra-ação, no que toca à categoria comunicação em termos do exercício da interdisciplinaridade, no âmbito da docência universitária, é exatamente o que vai possibilitar um sentido ou uma significação à palavra proferida pelos sujeitos, docentes e discentes, no acto de comunicar. Dito de outro modo, pode-se dizer que a palavra está sempre vinculada às ações dos sujeitos. Logo, é pela comunicação de um conteúdo do pensamento que os sujeitos comunicam a outros sujeitos a sua experiência e estabelecem dessa forma a comunicação, uma vez que a palavra adquire significação nas ações do sujeito realizando o que este pensa. O

importante é saber que, ao falar e ao comunicar, o sujeito estará agindo e, conseqüentemente, interferindo e modificando estruturas estáticas no âmbito da universidade. Mais ainda, “a comunicação possui uma força criadora na medida em que ela procura interpretar, explicar, compreender e modificar. Ela dá ao sujeito uma nova capacidade: a de que ele compreenda a si próprio, a de torná-lo um novo ser no mundo. Cria-se um novo ser e ampliam-se suas possibilidades” (FAZENDA, 1994, p. 57).

Dentro desta ótica, a de descobrir a axiomática da palavra relativamente a uma pedagogia da comunicação, nos meandros da docência universitária, pode-se dizer que a palavra-valor parece apontar para a importância dos multi-significados que a palavra tem para os estudantes e professores na universidade, ou seja, a utilização da palavra e/ou da linguagem no processo de comunicação humana oferece a estes sujeitos algumas condições para explicarem o passado, “entenderem” o presente e projetarem o futuro, uma vez que essa arqueologia dos tempos passado, presente e futuro é de grande importância para que estes sujeitos, educadores e educandos, se percebam interdisciplinares.

3 Metodologia

Relativamente aos métodos utilizados na realização do estudo a que se reporta este artigo, é de referir que se recorreu a uma abordagem de orientação qualitativa (BOGDAN e BILKEN, 1994), uma vez que ela permite melhor compreender as situações relativas à problemática em estudo, que tem como sujeitos docentes universitários portugueses e brasileiros dos cursos de Ciências da Educação e de Pedagogia, respectivamente. Pretendendo-se conhecer as percepções destes docentes sobre o lugar que ocupa a interdisciplinaridade nos processos de ensino-aprendizagem, considerou-se necessário seguir um caminho de orientação compreensiva que permitisse apreender os sentidos atribuídos a esta orientação curricular. Para isso, cada um destes docentes foi contactado pessoalmente e foi-lhe pedido que exprimisse a sua opinião respondendo a um questionário de resposta aberta onde se questionou se, na opinião destes docentes, a interdisciplinaridade estava a ser vivenciada no ensino superior.

Os discursos relativos a estas respostas foram tratados pela técnica da análise de conteúdo (BARDIN, 1979; L' ÉCUYER, 1990), que permitiu identificar categorias de

sentidos atribuídos à interdisciplinaridade passíveis de serem confrontadas com as concepções de que partimos e que atrás enunciamos. Ao mesmo tempo, e como em outro lugar já foi afirmado (LEITE, 2002, p. 263), recorreremos a este procedimento por considerarmos que, “enquanto processo metodológico de leitura analítica investigativa, satisfaz exigências de rigor permitindo, simultaneamente, extrair inferências inventivas do material em estudo”.

4 Percepções dos docentes sobre e vivência da interdisciplinaridade nas práticas docentes universitárias em Portugal e no Brasil

Identificar as percepções dos docentes universitários em Portugal e no Brasil constitui a gama de reflexões deste subitem em que se procura identificar o que pensam os docentes, sujeitos presentes neste estudo, sobre a vivência da interdisciplinaridade nas práticas docentes universitárias.

4.1. O que dizem os docentes universitários portugueses e brasileiros sobre a vivência da interdisciplinaridade nas práticas docentes universitárias

Os dados relativos aos catorze inquiridos por questionário a docentes universitários (DU) são aqui referenciados por DUPT (Docentes Universitários de Portugal) e por DUBR (Docentes Universitários do Brasil). No entanto, neste texto, circunscrevemo-nos a oito fragmentos dos discursos enunciados por esses professores, sendo quatro de docentes portugueses e os outros quatro de docentes brasileiros. A simplificação desta amostra justifica-se face à impossibilidade de tornar este texto mais extenso. Assim sendo, passamos a dar conta das percepções dos docentes para, depois, fazermos inferências que expressam a análise dessas percepções.

Ao serem indagados sobre a vivência da interdisciplinaridade no ensino superior, alguns dos DU apresentaram as seguintes respostas:

“É justo afirmar a valorização da interdisciplinaridade, se a entendermos como o diálogo intrínseco de conteúdos disciplinares de um programa curricular e como condição necessária para consolidação de saberes” (DUPT₁).

Em minha opinião, a interdisciplinaridade não tem sido trabalhada no Ensino superior. (DUPT₂).

“O saber em Ciências da Educação é por definição multireferencial, pluridisciplinar e transdisciplinar. Normalmente o aprofundamento disciplinar do conhecimento é que nos conduz à necessidade da transdisciplinaridade e da interdisciplinaridade”. (DU8).

“Em geral, sou a favor das relações entre áreas de forma a evitar o endocruzamento de ideias que acaba, como se sabe, por levar à estagnação e degenerescência dessas mesmas ideias. Outro aspecto positivo da tentativa de integrar diversos pontos de vista é o desafio que coloca em fornecer explicações mais completas da realidade” (DUPT₉).

“Poucas ações de integração interprofessores, que me parece não chegam a ser de interdisciplinaridade. O principal motivo dessa negação será a falta quase plena de espaços temporais comuns, em que os docentes pudessem de fato trabalhar em conjunto... passa portanto, primeiramente, por uma questão de condições materiais de trabalho. Em segundo lugar, listo o motivo do pouco comprometimento docente. Em terceiro, a falta de verdadeiras ações de formação continuada e acompanhamento do trabalho docente por parte da instância superior, aliada à não exigência de um desempenho profissional que levasse à promoção por desempenho” (DUBR₁).

“Acredito que não, embora perceba que existe uma intencionalidade que se desenvolve ainda de forma incipiente, ou seja: alguns professores tentam desenvolver práticas interdisciplinares, mas não conseguem envolver muitos colegas nem as próprias instituições nestas práticas, ficando no máximo no nível da integração de áreas ou da multidisciplinaridade! (DUBR₂).

“Compreendendo que a realidade social é interdisciplinar procuro trabalhar os conteúdos das disciplinas que ministro articulando a esta realidade, ou seja, numa visão de totalidade articulada à prática social” (DUBR3)

“Não. Primeiro, talvez caiba até mesmo uma discussão mais acurada a respeito do que se entende por interdisciplinaridade. Parece-me necessária uma clarificação conceptual do tema, pois, por vezes, sob a rubrica interdisciplinar, o que se faz é reproduzir a fragmentação disciplinar em outros patamares. Além disso, há uma diversidade de abordagens, com outras denominações, que dizem consubstanciar o que, em tese, é o propósito da interdisciplinaridade. Bem, relativamente às razões que têm inviabilizado a sua consecução, podem ser referidas três: 1) a fragmentação disciplinar é própria do modelo escolar, ou seja, os sistemas educativos emergiram tendo como pressuposto a divisão do conhecimento em disciplinas; 2) como decorrência, a formação docente é também disciplinar, logo não tem propensão a transgredir fronteiras empíricas; 3) a superação da fragmentação disciplinar requer a articulação com um projeto político afinado com a supressão da taylorização do conhecimento – coisa que muitos “discursos interdisciplinares” não têm em consideração” (DUBR4).

A análise de conteúdo destes fragmentos de discursos dos acadêmicos inquiridos permite inferir que estes professores percebem o exercício da interdisciplinaridade no Ensino Superior, por um lado, pautado no diálogo e em modos de trabalhos multireferenciais, mas que, contudo, é preciso evitar o endocruzamento. Estes dados, em outras palavras, equivalem a dizer que é preciso evitar processos e práticas interdisciplinares a-históricas em que se “mascara” e/ou desconsidera a problemática de caráter social, político e econômico, subjacentes às políticas de globalização que estão a excluir milhares de cidadãos do processo de construção de um conhecimento crítico, interdisciplinar, ou seja, num sentido mais complexo” (SILVA, 2009, p. 80).

É ainda de referir que alguns destes docentes percebem que a interdisciplinaridade não é vivenciada no ensino superior por razões diversificadas como, por exemplo, *a falta de espaços temporais comuns entre os docentes, o pouco comprometimento dos docentes com a causa da interdisciplinaridade nas práticas docentes universitárias, a falta de*

verdadeiras ações de formação continuada e acompanhamento do trabalho docente por parte da instância superior, aliada à não exigência de um desempenho profissional que levasse à promoção por desempenho.

Por outro lado, outros docentes afirmam que o que tem inviabilizado a vivência da interdisciplinaridade nas práticas docentes universitárias tem a ver com três aspectos, ou seja, a vivência da interdisciplinaridade nas práticas docentes universitárias não acontece porque: *“a fragmentação disciplinar é própria do modelo escolar, ou seja, os sistemas educativos emergiram tendo como pressuposto a divisão do conhecimento em disciplinas”* ou porque *“a formação docente é também disciplinar, logo não tem propensão a transgredir fronteiras empíricas”*. E, esta *“superação da fragmentação disciplinar requer a articulação com um projeto político afinado com a supressão da taylorização do conhecimento”*.

5. Conclusões

Como referimos na introdução deste texto, espera-se que ele, para além de apoiar reflexões sobre a possibilidade da vivência da interdisciplinaridade nas práticas docentes universitárias, contribua para que essas práticas recorram a processos que mobilizem uma revisão crítico-reflexiva do saber-fazer interdisciplinar. No entanto, para que isto aconteça, é preciso que a formação docente no Ensino Superior seja organizada na lógica da interdisciplinaridade e concretizada numa comunicação dialogante capaz de propiciar aos estudantes o desenvolvimento de competências de caráter sociocultural assentes numa multireferencialidade.

Por outro lado, mas ainda, no âmbito destas conclusões, e conforme tem sido reconhecido, à Universidade cabe o papel não apenas de difundir o conhecimento existente, mas também de criar situações e gerar condições que permitam produzir novos conhecimentos (LEITE, 2009). E porque o mandato social desta instituição exige a sua intervenção na sociedade, espera-se que esse conhecimento produzido dê relevo a questões da vivência social daí decorrendo, no caso das ciências sociais e educacionais, a sua utilidade para um melhor conhecimento das situações e um contributo na produção de opiniões esclarecidas que apoiem a configuração de adequadas intervenções.

Sustentando a indissociabilidade de mandatos atribuídos à Universidade e que implicam um diálogo constante que a potencie como lugar de criação, e não apenas de reprodução de conhecimentos existentes, o exercício de uma docência e de uma investigação apoiadas em questões de ordem social, impõem procedimentos de interdisciplinaridade sócio crítica.

É, portanto, no quadro destas ideias e, em jeito de conclusão, que aludimos a um interessante artigo de Alice Casimiro Lopes, em que esta reflete sobre algumas razões porque somos tão disciplinares e porque nos organizamos disciplinarmente, e em que a autora defende que “isso acontece porque não está em foco o sentido epistemológico de disciplina”, entendida como “conjuntos de saberes, bem como métodos e dispositivos de pensamento comuns capazes de produzir e reproduzir esses saberes”, mas sim “as disciplinas como construções sociais que atendem a determinadas finalidades” e que “reúnem sujeitos em determinados territórios ...” (Lopes, 2008, p. 207).

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação** -uma introdução à teoria e aos métodos. Coleção Ciências da Educação, nº 12. Porto: Porto Editora, 1994.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa**. Campinas, SP: Papyrus, 1994, pp. 53-57.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIGOTTO, Gaudêncio. “Enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional” in: FAZENDA, Ivani C. Arantes (Org.) **Metodologia da pesquisa educacional**. 4ªed. São Paulo: Cortez, 1977.

JANTSCH, Ari Paulo e BIANCHETTI, Lucídio (Orgs.). **Interdisciplinaridade para além da filosofia do sujeito**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LEITE, Carlinda. **O currículo e o multiculturalismo no Sistema Educativo Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

LEITE, Carlinda. “Prefácio” a SILVA, Maria de Fátima Gomes da *et al.* (org.). **Cultura, Práticas Educativas, Currículo e Gênero: a tessitura de um olhar multidisciplinar**. 1ª ed. Recife : EDUPE, 2009

LENOIR, Yves. “Didática e interdisciplinaridade: uma complementaridade necessária e controlável”, in: FAZENDA, Ivani C, Arantes (Org.). **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papirus, 1998, pp. 45-75.

L'ÉCUYER, René. **Méthodologie de l'analyse développementale de contenu**. Candá: Presses de l'Université, 1990.

LOPES, ALICE CASIMIRO. “**Por que somos tão disciplinares?**”, *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 9, n. esp., out. 2008, pp. 201-212.

SILVA, Maria de Fátima Gomes da. **Para uma resignificação da interdisciplinaridade na gestão dos currículos em Portugal e no Brasil**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

Recebido em: 07 de outubro de 2018
Aprovado em: 20 de novembro de 2018

SOBRE AS AUTORAS

Maria de Fátima Gomes da Silva é uma pesquisadora e professora brasileira Líder do Grupo de Pesquisas Interdisciplinares em Formação de Professores, Política e Gestão Educacional e do Grupo de Pesquisas: O lugar da interdisciplinaridade no discurso de Paulo Freire. Ela possui experiência na área de Educação atuando, principalmente, nas seguintes linhas de pesquisa: formação de professores; práticas pedagógicas; educação e interdisciplinaridade e formação de pessoas para o desenvolvimento local sustentável.

Carlinda Leite é uma professora catedrática e pesquisadora portuguesa